

CONECTIVIDADE: ECO DAS MUTAÇÕES

CONNECTIVITY: ECHO OF MUTATIONS

RODRIGUES, Olira Saraiva

ARAÚJO, Cláudia Helena dos Santos

MARCON, Mary Aurora da Costa

Resumo: A pesquisa discute os processos cognitivos frente à dialética natural e digital, relacionados ao mundo. A metodologia observa aspectos diacrônicos, com orientação fenomenológica, a partir de revisão bibliográfica. Na complexidade natural e digital, reverberam aspectos sociais que representam as essências e emergências das relações inter/intra de valores, ideologias e políticas na contemporaneidade. Este fenômeno parte do princípio do homem enquanto ser biossocial, em sua experiência com o mundo, configurando espaços e paradigmas do conhecimento diante das atividades humanas.

Palavras-chave: Conectividade. Diacronia. Processos Cognitivos. Natural. Digital.

Abstract: The research discusses the cognitive processes facing the natural and digital dialectic, related to the world. The methodology observes diachronic aspects, with phenomenological orientation, from a bibliographic review. In the natural and digital complexity, social aspects that represent the essences and emergencies of the inter / intra relations of values, ideologies and policies in contemporary times reverberate. This phenomenon starts from the principle of man as a biosocial being, in his experience with the world, configuring spaces and paradigms of knowledge in the face of human activities.

Keywords: Connectivity. Diachrony. Cognitive Processes. Natural. Digital.

Introdução

No exercício de existência, coexistem novas sensibilidades e discursividades, em movimentos e envolvimento do digital no mundo natural. Metodologicamente, a pesquisa, quanto à sua finalidade é básica pura, com o intuito de aprofundar o conhecimento a respeito da conectividade, ecoada em mutações culturais, a partir de um levantamento teórico. Quanto

aos objetivos, tem-se uma pesquisa descritiva, na exposição e interpretação de fatos e fenômenos propostos para o estudo.

Diante da abordagem, há uma pesquisa qualitativa e o método é dedutivo, com estudos da essência da condição humana, em análise aos fenômenos do biopoder e da biopolítica, em estudo diacrônico, culminando em processos cognitivos. A investigação parte da pesquisa bibliográfica, desvendando características que ecoam e destoam, em um movimento dialético de conceitos.

Primeiramente, reflete sobre as redes de comunicação, potencializadas por signos, símbolos, que ecoam nas instituições da atualidade. Posteriormente, haverá alusão aos aspectos diacrônicos que remetem o mundo digital no mundo natural e elevam os fenômenos à reflexões incursas e inscritas a partir das influências das tecnologias na sociedade. A diacronia enquanto movimento sucessivo no percorrer histórico nos permite compreender a dinamicidade enxerta no homem que se relaciona com as tecnologias, se constituindo em ser biossocial nos entrelaces da política e da cultura. São as vivências entremundadas e cosidas a partir dos movimentos que o humano realiza dos artefatos tecnológicos nas redes do mundo natural.

Para, ao final, versar sobre os processos cognitivos e suas mutações com a conectividade, no entendimento de que há novos cursos (caminhos) e decursos temporais, com a inserção de uma política midiática de conexão.

O digital no mundo natural: movimentos, contradições e dilemas

Mover-se continuamente, tal como navegar no oceano, em suas ondas, no ir e vir preciso, amparado pelos astros que podem ser fontes de luz, mas que também podem reproduzi-la. Assim é o movimento “entremundos” que criamos, como seres que produzem o trabalho ontológico, que ao transformar a natureza se modificam e, por conseguinte, a cultura, em meio a ações antes planejadas, pensadas ou apenas reelaboradas. O que queremos ser no oceano de informação? O que podemos ser no digital no mundo natural? Bestas-feras que reproduzem ou seres que buscam compreender essa realidade?

Desde os primórdios, a humanidade constrói seres mitológicos que representam os medos e anseios do recôndito de sua alma, seres meio homem, meio fera, que ora se escondem e ora ecoam sons, às vezes incompreensíveis, como reação e sem entendimento.

Na contemporaneidade, essas vozes ou urros, são propagados de forma estrondosa nos nós, nas redes, no digital no mundo natural. Por isso bestas-feras, alienadas e alimentadas pelo excesso de informação, deformação, contradição. Dialeticamente, Lévy (1999, p.13) alerta que devemos educar as novas gerações a mergulhar, navegar, nadar, surfar nas ondas informacionais, em especial, propagando conhecimento, pois o saber-fluxo das redes representa mensagens universais, (re)construídas pelo conjunto dos homens.

O chamamento de Lévy (1999) nos convoca a refletir sobre as redes de comunicação, potencializadas por signos, símbolos, que ecoam nas instituições da atualidade. Destarte, “as águas desse dilúvio não apagarão os signos gravados: são inundações de signos” (idem, p. 15).

Santaella (2016) também nos convida a analisar os fenômenos do biopoder e da biopolítica, desenvolvidos por Foucault, transmutados nas/pelas tecnologias humanas, como estratégias que necessitam de uma teoria crítica que, como astro possa precisar os navegantes. E Hannah Arendt (2005) nos chama a refletir sobre a responsabilidade da educação ante às novas gerações.

Nos tempos do capital (neo)liberal, a biopolítica do homem-vivo ecoada nas redes de comunicação pode destituir e eleger dirigentes ou representantes de instituições e de Estado, provocar injustiças, batalhas, sangrentas ou não. O que acontece é que das redes (des)informacionais ressoam urros de uma política de extremos, sem mediação no ágora¹ digital, denotando debates rasos, subutilizando as ferramentas de conectividade e os campos do conhecimento construídos pelo coletivo dos homens.

Como salienta Santaella (2016) quando evoca Foucault, não há mais um poder central hegemônico a ser combatido, a biopolítica se espraia em todos os ambientes e espaços. Podemos inferir, que a derrubada dos muros institucionais que representavam o saber-poder se movimenta desde as ligações neurais humanas até às instâncias culturais. Existindo aí um hiato, em que movimentos sociais extremistas lutam pela construção de muros concretos e ideologizados, com a finalidade de impedir o ir e vir das populações em vulnerabilidade social,

¹De acordo com John Camp (1986) Na sua forma mais simples, a ágora era uma grande praça aberta, reservada para funções públicas. Um grande número de cidadãos podia encontrar-se para uma variedade de atividades, assembléias, eleições, festivais, competições atléticas, desfiles, mercados e similares. Inevitavelmente, os principais edifícios públicos da cidade foram construídos em volta do lugar em que as pessoas freqüentemente se encontravam e a ágora tornou-se o centro da pólis.

criando verdadeiros feudos medievais. Portanto, revisitar o método arqueológico do saber e genealógico de poder de Foucault é tão premente nos tempos atuais.

Do outro extremo político, podemos citar regimes ditatoriais ou totalitários, que pregoam o mal do capital, mas se aliam a ele para combatê-lo subjungando as minorias e a democracia, explorando a massa trabalhadora com a finalidade de se tornarem potências mundiais. Mézáros (2011) adverte sobre a necessidade de se promover reflexões críticas sobre o capital em suas formas, engrenagens, mecanismos de funcionamento sociometabólico na contemporaneidade, nos desafiando a superar a dependência estrutural do capital, dado pelo sistema hierarquizado de trabalho, com sua alienante divisão social, que o subordina ao capital, tendo como elo de complementação o Estado político. Nesse extremo, há a tentativa de cerceamento e controle das redes de comunicação digitais, movimento este quase impossível, visto as possibilidades de interconexão mundial.

Longe da dicotomia ideológica e em busca da mediação, cabe a discussão sobre o papel das instituições no digital no mundo natural e a finalidade do conhecimento e da educação para as novas gerações. Para repensar esses espaços, como promotores do pensamento crítico, há de se apoiar em Hannah Arendt (1995). Segundo a referida autora, quando nós, homens modernos, negamos o passado e afirmamos a inovação incessante, negamos a tradição – tesouro legado ao devir (ARENDR, 2005). Para a autora, sem o palco oferecido pela mundanidade², o mundo se reduz a uma sequência de transformações cíclicas, apagando a tradição. Importa saber que para Arendt (2005), a tradição não é só passado, mas memória que contempla a profundidade da existência humana.

Tradição não é bagagem acumulada no passado. Refere-se ao passado, mas sob uma perspectiva diferente, afastando-se dele para captar aquilo que, no passado, visa o presente. [...] A tradição é o que rompe a linha unidirecional do tempo e preserva a vida humana do cíclico e devorador ritmo da vida biológica. É o testamento que lega, nomeia, seleciona, transmite, preserva o tesouro do passado ao futuro, sem o quê, os herdeiros ficam perdidos, sem saber que rumo tomar [...] (PEIXOTO, 1991, p. 83, grifos da autora).

Sem memória, sem recordação, não há profundidade. Por esta razão, perante a necessidade de ocupar o espaço antes preenchido pela tradição, nossa sensação é de desabrigo

²Mundanidade, tomada como derivativo de mundo - artifício humano, produto de mãos humanas, que se conserva sobre a força devoradora do ciclo biológico vital” (PEIXOTO, 1991, p. 81).

– a lacuna onde devemos nos instalar não nos oferece conforto. A nossa tradição de pensamento acaba então por se mostrar incapaz de lidar com as questões da contemporaneidade.

A perda deste tesouro – projeto da modernidade, fruto de nossas escolhas políticas – tem sido realizada por meio do esquecimento, por uma falha de memória que atinge não apenas seus herdeiros mas os seus atores, suas testemunhas, aqueles que tiveram este tesouro em suas mãos, aqueles que o viveram.

Sem a tradição, não é possível assinalar nenhuma continuidade no tempo, cria-se uma lacuna, não há nem passado nem futuro, mas apenas um devir eterno do mundo por meio do ciclo biológico humano (ARENDR, 1995).

Podemos então colocar em questão se assumir a responsabilidade de usar as tecnologias digitais seria assumir a inalienável e coletiva responsabilidade pelo digital no mundo natural. A responsabilização dos atores não quer culpabilizá-los, mas compreender o uso das redes digitais como algo que não consegue escapar do projeto da modernidade que nega a tradição e, por esta razão, não consegue responder às questões de nosso tempo.

Arendt (2005) se refere à educação na modernidade como crise, a crise de autoridade. Para ela, a responsabilidade pelo mundo perpassa pela educação, na forma de autoridade. Esta mesma autoridade é negada por aqueles que são responsáveis pelo *locus* nas instituições. A crise de autoridade do mundo moderno é portanto, intimamente ligada à crise da tradição, isto é, “com a crise de nossa atitude face ao âmbito do passado” (ARENDR, 2005, p. 243). Arendt traz a questão da autoridade ao descrever a perda da tradição. Segundo a autora, essa tradição não se perde no passado, mas se perde no “fio que nos guiou com segurança pelos vastos domínios do passado” (ARENDR, 2005, p. 130).

No movimento entre o passado que empurra para a frente e o futuro que puxa para trás, quem ocupa a lacuna é o homem. Se a dificuldade da educação na modernidade guarda estreita relação ante a consciência histórica quanto as nossas experiências no passado, às instituições cumpre a tarefa de servir como mediação entre o velho e o novo, o retrô e o porvir, tornando possível resgatar a essência da condição humana, como também reconhecer que o seu trabalho é constituir a mundanidade nas gerações futuras e, assim, agir e valorizar a conservação e a renovação do que é construído historicamente pelo homem, entre eles a tecnologia, o digital no mundo natural.

Aspectos diacrônicos

A vivência do digital no mundo natural requer reflexões acerca das influências das tecnologias na sociedade, dentro e fora de seus muros tradicionalmente medievais. Nesse tempo e conteúdo, vede a possível trajetória da diacronia em articulação com a dialética. Um consenso da *diachronie*, ou seja, dos fenômenos através dos tempos em interface com a dial(ética).

A diacronia expressa relações sucessivas que se encadearam ao longo do tempo com o caminhar histórico. Eis a questão do ser que tem sua dinamicidade num espectro de fenômenos relacionados ao passado e presente em concomitância de diferentes vivências naturais e artificiais. Aqui se encarta a questão da tecnologia que se destaca como uníssona no espaço temporal, aproximando o homem biológico e social, constituindo-o como ser biossocial. São tecnologias da inteligência (SANTAELLA, 2010a) (LÉVY, 1999) que se inserem nas mentes humanas aproximando ou sutilizando sua distância do mundo natural. Tais mentes humanas utilizam as tecnologias conforme as suas necessidades, contextos culturais. No entanto, sem destoar de suas “práticas insuspeitadas” (SANTAELLA, 2010a, p. 50).

Tais práticas insuspeitas insurgem na diacronia de tempos históricos, como tecnologias no período que ressoa entre os mundos, os fenômenos que deles derivam, os atores humanos que deles nascem e se costuram no digital, as lacunas existentes e as novas gerações que, por vezes, não compreendem a importância da memória. É o sentimento de desamparo que o humano vive em suas entranhas, como afirma Santaella (2010b, p. 26): “Isso parece costurar – ou pelo menos nos dá a ilusão de costurar – o corte e a condição de desamparo que o ser humano carrega desde o instante vital em que o primeiro grito no ar para encher os pulmões...”. O humano atufar seus pulmões para na ideia do digital, cair no mundo da vida que ocorre em tempos sucessivos.

Desse modo, o devir da diacronia se manifesta nas evoluções ao longo do tempo, na historicidade vivida pelo ser e nas questões histórico-filosóficas que pontuam um mapa de redes midiáticas - *memórias*. A importância de conhecer o passado em interlocução com o presente e o porvir em fenômenos de evolução é o que resenha como acróstico temporal para a compreensão desse ser que vivencia ideologias que despontam de períodos anteriores, mas que materializam a condição contemporânea desse ser.

O dínamo da tecnologia vem em proporção com a dialética de pensar a cultura em relação com a comunicação globalizada e contextualizada com a cultura do humano no digital. O uso que se faz das tecnologias é a comunicação que intrinsecamente se remete aos artefatos que foram inseridos na sociedade. A revolução digital caminha no humanístico. Ou seja, o ser humano no mundo digital. Tais artefatos como os dispositivos móveis, fotografias, rádio, TV, surgem como cenário de desterritorialização do humano. Isso implica que a comunicação materializa em técnicas o que o ser humano se desloca em territórios antes não conhecidos. Essa sequencialidade de revolução digital peregrina ao longo da história em situações de uso destes artefatos, de acordo com as necessidades do humano, seja comunicação seja desterritorialização seja isolamento e solidão.

Essa evidência de usos das tecnologias pelos humanos se consubstancia em articulação com a crise de autoridade afirmada por Arendt (1995) proeminentes das essências e emergências das relações inter/intra de valores, ideologias e políticas. São experiências com o mundo diante de espaços de conhecimento que dimensionam as atividades contemporâneas em sua condição humana e digital no mundo natural.

Nesta sintonia dialética, Arendt (1995) nos intui a pensar a crise de autoridade ao tencionar de forma biossocial as verdades da perspectiva da ciência expressas em conhecimentos comprovados pela tecnologia que “já não se prestam à expressão normal fala e do raciocínio” (p. 11). Seríamos “escravos indefesos” no mundo natural ao que postula enquanto técnicas criadas ao longo da história. Assim, o pensamento do homem se reverbera em sua experiência articulada com as técnicas eminentes deste mundo natural. Como diz Arendt (1995), o que se propõe neste escrito é refletir sobre o que estamos fazendo, sobre as atividades humanas entrelaçadas ao digital neste mundo natural.

O pensamento intransigente em vivência com a experiência pode dizer sobre a condição humana enquanto bestas-feras que reproduzem ou alavancam para seres que buscam compreender a historicidade de nossa natalidade, assombrosa vivência biossocial e morte. Na contemplação das complexidades da dialética natural e digital relacionadas ao mundo, importamos que haja perturbação que inquiete, que nos desloque do lugar de parasitas humanos para humanos digitais, desassossegados de uma condição de quietude, mas como seres políticos “porque o homem é um animal social antes de ser um animal político” (ARENDR, 1995, p. 41). Não se pretende acabar com o mundo, mas permitir que sua dinamicidade seja percebida a partir

de distintos prospectos por meio da experiência dialética dos seres humanos. Tal qual já dizia René Descartes *cogito, ergo sum*, “penso, logo existo”, nossos valores existem em ditames e contradições com nossa existência e em constantes aproximações e distanciamentos com a língua e a fala.

Língua e fala se dicotomizam, como preconiza Ferdinand de Saussure. A língua como elemento social em complemento com a fala se internaliza na individualidade. Nesse sentido é que o fenômeno em todos os tempos se associa, orientando o ser individualizado em seu aspecto biológico e transposto com sua interação na sociedade. Eis o ser biossocial!

Na seara dos olhares para os aspectos diacrônicos da complexidade natural e digital tem-se o hibridismo a partir da onda multimidiática que perfaz o ser em sua dinamicidade de ações sociais e que corroboram para a sua compreensão política interiorizada em sua essência e subjetivada em suas atividades. As ações humanas são trazidas para o cotidiano por meio de interfaces digitais. Utilizam das Redes Sociais da Internet (RSIs) como plataformas de redes colaborativas e das redes sociais coisificadas em *hipersubjetividades* de lógicas formais e não-formais.

O que a cibercultura (LÉVY, 1999) irradia em espaços e tempos diferentes no ambiente do ciber (digital) alcança em limites não territoriais (CASTELLS, 2007) aspectos da interação cognitiva homem-máquina. O que se questiona sobre interação ocorre em função de ter entre(meios) aos sujeitos corporificados de tradição, uma máquina computacional conectada à *word wide web* (www) que pode influenciar na intersubjetividade. Nessa sinonímia do humano, ressoam as vozes fibradas por momentos não cibernéticos, dando ‘berros’ às bestas feras que outrora reproduziam as superficialidades das tecnologias. O intuito desse viés dialético humano e digital é a personificação das tecnologias humanas para diálogos possíveis acerca da biopolítica.

Enquanto pensamos no mundo natural dissociado do digital ou na eloquente tentativa fracassada de polarização, não avançamos nas complexidades vetoriais que emergem dessa convergência para o conhecimento científico. A emergência de compreender o espectro do digital no mundo natural traz consigo as lacunas de observar esse fenômeno ainda em “fervura”.

Processos cognitivos

A linguagem, legitimamente multissensorial, é inclinada em suas construções e sentidos. Os partícipes, diante de seus contextos, exercitam suas conexões e (im)precisões interpretativas. Desse modo, os processos cognitivos se constituem em redes semânticas, dissolúveis e recombinaíveis.

Embora o destaque, nos últimos tempos, tem sido para a tecnologia, que consegue singularizar a experiência, tornando-a experiência fundante, já que os modos de apresentação de enunciados, via aparatos tecnológicos, por si já são sedutores (MURRAY, 2003), amplificando o potencial de experiência, em nítidos diálogos com o contexto contemporâneo, caracterizado pela conectividade tecnológica, o que permite singularizar o acesso.

Essa crescente da experiência é vetor cada vez mais evidente, que discretamente ou não, incorporam as tecnologias de nosso tempo, em sondagens dos espíritos contemporâneos. E, ao fazê-lo, redimensionam não apenas as funções e seu fazer, mas essencialmente revisam o *modus operandi* que conduz o mundo natural no digital, à superação de sua própria delimitação espaço-temporal.

De modo similar, as mídias têm experimentado condições deveras distintas, emergindo de contextos tensionados pela cultura, que converge no devir midiático. Segundo Santaella (2003):

Para compreender essas passagens de uma cultura à outra, que considero sutis, tenho utilizado uma divisão das eras culturais em seis tipos de formações: a cultura oral, a cultura escrita, a cultura impressa, a cultura de massas, a cultura das mídias e a cultura digital. Antes de tudo, deve ser declarado que essas divisões estão pautadas na convicção de que os meios de comunicação, desde o aparelho fonador até as redes digitais atuais, não passam de meros canais para a transmissão de informação. Por isso mesmo, não devemos cair no equívoco de julgar que as transformações culturais são devidas apenas ao advento de novas tecnologias e novos meios de comunicação e cultura. São, isto sim, os tipos de signos que circulam nesses meios, os tipos de mensagens e processos de comunicação que neles se engendram os verdadeiros responsáveis não só por moldar o pensamento e a sensibilidade dos seres humanos, mas também por propiciar o surgimento de novos ambientes socioculturais (p. 2).

Tais distinções culturais moldam ideias, atitudes e, principalmente, percepções e receptividades. Mudanças não pautadas na inserção de tecnologias, simplesmente, mas incorporadas às experiências sociais. Consentidas como avanços, decorrem de mudanças científico-tecnológicas, reverberadas nos processos cognitivos, com uma prática fundamentada no fluxo e na conexão.

Há um envolvimento mais profundo com a cultura digital, especialmente no século XXI, quando interesses de distintas esferas sociais influenciam cada vez mais este meio. A exemplo, o formato acadêmico de disseminar conhecimento ainda mais usualmente legitimado é a impressão dos livros, com paginações lineares tem sofrido alterações diante das múltiplas possibilidades de acesso e compartilhamento.

Com o advento das TDICs (Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação), surgem distintas potencialidades e desafios tanto para gerar, quanto para organizar, armazenar e recuperar informações. Os dispositivos tecnológicos, outrossim, corroboram para esse cenário em potencial, e, de acordo com Rocha (2019), “ao criarmos dispositivos que auxiliam nosso corpo, incluindo o cérebro, ele mesmo define sua medida necessária, dando razão às pesquisas que apontam uma redução de tamanho da massa encefálica humana, mesmo sendo mais inteligentes agora que antes (p. 21)”.

Assim, o reconhecimento de como essas narrativas se estabelecem, diante de suas constituições, indiciam caminhos novos aos processos cognitivos, com díspares acessos à leitura e produção do conhecimento, propiciando vestes contemporâneas ao organismo da aprendizagem.

Considerações Finais

À guisa de algumas considerações, tendo em vista as reflexões alcançadas com o desenvolvimento desse estudo, pode-se inferir que a linguagem multissensorial, com os sentidos nas relações, possibilita formações linguísticas para as conexões, com significados e sentidos que produzem uma unidade semântica diacrônica.

Virtualmente, a tecnologia tem a possibilidade de mudar o mundo, porém, na prática, quem muda o mundo são as pessoas, quando adquirem conhecimento e práticas capazes de provocarem essa mudança. É nesse lastro que se torna possível contextualizar pessoas, inferindo sobre seus costumes, seus valores e modos de pensar e agir.

Semelhantemente, as mídias têm cursado uma trajetória significativa, emergindo outras tendências híbridas, convergentes e fluidas, enquanto meios, canais, veículos, em que se processam os signos verbais, não verbais e ideológicos, que na atualidade da rede estão

polarizados, sem consensos nas interlocuções político-ideológicas. Há de se repensar esses espaços no percurso de constituição de seres bestas-feras ou sujeitos biossociais?

REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

CAMP, John. **The Athenian Agora. Excavations in the heart of Classical Athens**. [tradução: Gisele A. D. F]. Londres, Thames & Hudson. 1986. Disponível em <http://labeca.mae.usp.br/media/pdf/traducoes/camp_a_agora_ateniense.pdf> Acesso 09 Mar. 2020.

CASTELLS. **A Sociedade em Rede: a era da informação: economia, sociedade e cultura**; v. 1; São Paulo: Paz e Terra, 2007.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34. 1999.

MÉSZÁROS, István, **Para além do capital: rumo a uma teoria da transição**; 1.ed. São Paulo : Boitempo, 2011.

MURRAY, Janet H. **Hamlet no Holodeck: o futuro da narrativa no ciberespaço**. São Paulo: Itáu Cultural: Unesp, 2003.

PEIXOTO, Joana. **Do desencantamento pela existência e do amor pelo mundo: natalidade e educação em Hannah Arendt**. 1991. 142f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 1991.

ROCHA, Cleomar de Sousa. O cérebro multitarefa. In: **Diário da Manhã**. Número: 11.467. Página: 21. Caderno: Opinião Pública. 25/03/2019.

SANTAELLA, Lucia. Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós- humano. **Revista FAMECOS** • Porto Alegre • no 22 • dezembro 2003. Quadrimestral. Disponível em: <http://www.vaipav.xpg.com.br/Material/HUMANIDADES/Texto%20Lucia%20Santaella.pdf>. Acesso em: 31/03/2020.

SANTAELLA, Lúcia. **Temas e dilemas do pós-digital**: a voz da política. São Paulo: Paulus, 2016. Coleção Comunicação.

SANTAELLA, Lúcia. **Redes sociais digitais**: a cognição conectiva do twitter. São Paulo: Paulus, 2010a.

SANTAELLA, Lúcia. **A ecologia pluralista da comunicação**: conectividade, mobilidade, ubiquidade. São Paulo: Paulus, 2010b.